

António Trigueiros

INVENTÁRIO COLECCIONISTA E MUSEÓLOGO DOS JUSTOS DE D. JOÃO II DE PORTUGAL



numisma:as

Os "Cadernos Numismáticos" são fruto do estudo pessoal dos nossos foristas, a quem realmente pertence o mérito. Os Numismatas limitam-se a produzir de forma artesanal, esses trabalhos em pequenos e práticos cadernos de grande interesse numismático.



www.numismatas.com

António Trigueiros

INVENTÁRIO COLECCIONISTA E MUSEÓLOGO DOS JUSTOS DE D. JOÃO II DE PORTUGAL



Patrocínio:



Sociedade de Artes Gráficas, Lda.



INVENTÁRIO DOS JUSTOS DE D. JOÃO II

Autor: António Trigueiros, com a colaboração do Fórum dos Numismatas

Fotos: António Trigueiros, com a colaboração de vários foristas

Composição e impressão: GTO 2000, lda. - Tel. 262 604 434 - 2540-140 Bombarral

Produção: Numismatas 2015

Numismatas 2015

www.numismatas.com



Inventário coleccionista e museólogo dos Justos de D. João II de Portugal

«E assi fez neste ãno de oytenta e cinco no mes de Junho as primeiras suas moedas, s.: moeda d'ouro, a que chamou justo e era de ley de vinte e dous quilates e de peso de seiscentos reys, e tinha de hũa parte o escudo real dereyto com letra derredor do nome e titulo d'el-rey, e da outra parte el-rey armado de todas armas assentado em cadeira real e o ceptro na mão, e a letra dizia: “Justus sicut palma florebit”. E assi mandou fazer outra moeda d'ouro que se chamava espadim, que era da ley dos justos e da metade do preço e peso delles que era trezentos reaes e tinha de hũa parte o escudo real com o nome e titulo d'el-rey, e da outra hũa mão com hũa espada nua com a ponta pera cima e por letra derredor: “Dominus protector vitae meae a quo trepidabo?”; e estes espadins mandou fazer deste nome por devaçam e lembrança da conquista d' Africa que sempre com a espada na mão se fez e prossegue por honrra e exalçamento da fee de Jesu Christo.»

Resende, Garcia de. Vida e Feitos D' El-Rey Dom João Segundo, 1545

Introdução

A notícia do leilão pela firma Numisma, em Outubro de 2014, do único exemplar conhecido de um Justo do Porto, proveniente das antigas



colecções de Julius Meli, Carvalho Monteiro e Robert Shore, foi motivo de grande curiosidade por parte de membros do Fórum dos Numismatas que, ao longo de vários dias analisaram com algum pormenor as excelentes reproduções a cor desse exemplar, até agora só conhecido pelas fotos de má qualidade a preto e branco dos antigos catálogos de J. Schulman, de Amesterdão.

Tudo começou a 23 de Setembro desse ano, com várias intervenções de foristas, questionando a bondade dessa moeda. O tema foi seguido com muita atenção, tanto mais que, desde o primeiro momento, os post dos foristas intervenientes pautaram-se por análises muito precisas às gravuras do dito Justo do Porto, gravuras essas que consideraram estranhas, no mínimo.

Vejam algumas dessas primeiras intervenções: «Este exemplar que vai a leilão é talvez um dos exemplares mais enigmáticos da numária portuguesa. Vai a leilão com “pedigree” Meili e Monteiro dos Milhões, o que por si só é logo sinal de alerta e mote para investigar dado que eram colecções com invenções do século XIX, principalmente morabitanos, Manuel, etc. Muitas destas mentiras posteriormente continuadas pela casa Schulman, foram-se perpetuando e só ultimamente têm sido descobertas.

Coloco as seguintes questões: O que é aquilo a ladear o escudo? Porquê a diferença de estilo para os outros? A legenda tem as letras típicas do Porto? (O “P” costuma estar associado ao Porto, outras creio que não). O que dizer do estilo geral em si? A coroa de João III no rei será um erro ou um descuido? Porque é que os castelos têm 4 ameias?»

Depois de referir e mostrar a imagem de um Justo de Lisboa encon-

trado nas escavações arqueológicas da Casa do Infante (antiga casa da moeda do Porto), Rui conclui: « As moedas de ouro eram feita pelos melhores artistas, não era trabalho para um tipo qualquer. Para mim esta moeda é tosca, mas não invalida que seja obra de um artista portuense pouco preparado para um desafio tão grande.

Tenho sérias dúvidas que a casa da moeda do Porto, ao tempo de João II tenha batido ouro com os escudetes laterais em posição vertical, ou seja pós 1485. Para além da letra monetária, os marcadores do Porto costumam ser o “P” típico e o “n”, também não existem “1/2 Justo” conhecidos batidos no Porto.

Infelizmente, a cunhagem manual é complexa, mas o ouro manual é o diabo em pessoa, basta fazer uma coisa mais ou menos parecida em metal da época usando umas chapas de ouro e não dá hipótese, quem decide se é bom ou não é a máquina. Tem-se visto cada coisa por esses leilões que sinceramente fico com dúvidas se alguém entende alguma coisa de ouro, falsas da época passam todas, está na hora de esquecer o XRF e voltar ao método antigo, isso foram modas dos anos 80 e 90 que agora desvirtuam o sistema, se o metal for bom, o estilo já não conta para nada.

Acho que se não fosse o “P” na legenda estar certo, apostava que não era oficial...mas também não ficava surpreendido se fosse um barrete enfiado no grande Meili. É um exemplar bastante intrigante mesmo, embora céptico, creio que pode haver possibilidades de realmente ser coisa antiga e a ser, acho que só pode ser alguma espécie de ensaio ou experimentalismo.» (Rui)

Logoaseguir JoãoDiasdeu o seu parecer: « Já tive a oportunidade de partilhar pessoalmente a minha opinião com 4 amigos aqui do fórum sobre este exemplar e apesar de não ser para o meu bolso, também não gosto desta moeda. Sei que é a mais conceituada leiloeira do país que a leva a leilão e que fez parte de coleções importantes, mas penso que isso não seja relevante, pois não significa que essas coleções não tivessem moedas “menos boas”. Basta olhar por exemplo para a coleção BES que está recheada de exemplares no mínimo estranhos. E por outro lado por onde andou este exemplar depois de ter sido vendido pela casa Schulman?

O que me leva a ter esta opinião é que já tive a oportunidade de estar com o Justo de Lisboa do Museu Numismático Português na mão durante vários minutos e poder analisar esta espécie.

O desenho tanto do reverso como do anverso não tem nada a ver. Os cunhos de Lisboa e Porto certamente seriam diferentes mas haver uma diferença tão grande de um desenho para outro parece-me no mínimo estranho. O rei está sentado ou está de pé? A letra P está muito pronunciada para o meu gosto quase como a chamar atenção dos colecionadores. Sinceramente o rei parece uma caricatura. E do outro lado o escudo também não me agrada. Penso que basta comparar esta moeda com a outra irmã de Lisboa que também vai a leilão e acho que dá para ver as diferenças.

Infelizmente acho que cada vez mais tem que ser cada um por si analisar as moedas que se compram para a coleção. Podemos pedir a opinião de outros numismatas mais experientes, mas tem que ser cada um a criar as suas próprias defesas e mecanismos para nos afastarmos de possíveis dissabores.»

Juntaram-se à conversa os foristas Leandro Machado, António Carlos Diogo, Carlos Pernas e Vitor Almeida, o qual rematou com uma bem estruturada opinião sobre as dúvidas levantadas: «*Há na realidade algumas incongruências...*

1 - Vê-se uma “coroa” que deveria estar assente sobre o espaldar do trono e parece que está apoiada na cabeça do rei, pois este não está representado na moeda;

2 - O manto do rei cai direito, parecendo que está de pé e não sentado como deveria ser;

3 - Os braços do trono não são iguais, parecendo o do lado direito do observador um bordão;

4 - O rei parece que tem um suporte, entre as pernas, que anula qualquer hipótese de trono;

5 - Os castelos, no escudo, apresentam 4 ameias, como referiu muito bem o amigo Rui, o que nunca se viu nas moedas do Príncipe Perfeito

6 - A coroa a encimar o escudo apresenta todos os florões à mesma altura e “traçados” ;

7- o tipo de letra “não convence” ainda que o P e o N estejam parecidos, há um não sei quê de diferente...

Por tudo isto estou bastante confuso... pois Ferraro Vaz diz: “Do Justo do Porto conhecem-se somente 2 exemplares que, diferindo em alguns pormenores, teriam saído de cunhos distintos” e a Numisma afirma que é moeda única... Como conclusão é necessário um estudo bastante aprofundado sobre esta moeda...»



Foto: Rui

De facto, olhando com cuidado para o estilo da gravura deste Justo e da sua letra monetária “P”, foram notados alguns pormenores, como os abaixo descritos por Rui:

«Ainda o estilo:

- Parte da solução pode estar mesmo nos castelos e na simbologia presente no reverso

- Outro detalhe é a estranha circunferência exterior serrilhada, talvez demasiado esbatida, se é que lá está.

- No lado do trono, não há simetria, o próprio efeito do pergaminho está ao contrário, a espada não tem guarda-mão, parece estar tudo a flutuar, inclusivamente o cabelo...

- Realmente parece um erro de perspectiva, o rei está em pé.

- Muito geométrico, estive a medir e não tem muita liberdade de mão, tudo feito à régua, linhas direitas...

Partes positivas:

- As linhas de fluxo parecem todas correctas, não parece ser fundida e aparenta ser coisa um pouco antiga.

- A letra monetária P, pelo menos na parte de cima não aparenta ser viciada.

- A presença de um P típico do Porto na legenda.

Sinto uma ligeira inclinação para pensar que à semelhança das réplicas da Conceição que foram feitas ao longo dos séculos, também o Justo o tem sido, inclusivamente com uma moeda de Euro bem recente. Este Justo provavelmente não seguiu a matriz da época, mas é coisa com uns bons anos, creio que talvez não seja propriamente oficial mas deve ter cumprido o mesmo efeito para alguma coisa.»

No seguimento destas intervenções, António Trigueiros sugeriu a recolha de elementos para uma inventariação dos exemplares conhecidos do Justo, da qual se pudesse inferir sobre a sua eventual genuinidade ou falsidade, aplicando-se nesta decisão um seu recentemente publicado “Axioma Numismático”: «*Gostaria de sugerir a inventariação dos exemplares de Justos conhecidos, seguindo a seguinte metodologia científica: 1.º Recolha e apresentação de dados (fotos, descrição legendas, pesos, módulos, variantes notáveis); 2.º Análise e estudo dos exemplares inventariados, desdobramento em sub-tipos principais, definição do padrão-tipo destas amoedações; 3.º Conclusões e comparação com o exemplar dito do Porto (Numisma leilão 100, It 12).*

Quando escrevi na MOEDA que acaba de sair, o meu Axioma Numismático, que apliquei aos Portugueses de ouro, estava longe de pensar que o mesmo poderia ser posto à prova com o estudo dos Justos. O desafio é muito interessante, e oportuno. Mas para tal é preciso reunir o máximo de informação possível sobre os exemplares conhecidos, para que a amostra a estudar possa ser considerada como representativa da cunhagem joanina.»

Começou então a recolha de informação com boa participação dos foristas, que daria origem, mais tarde, e só depois de ter passado a data do leilão (por decisão do próprio António Trigueiros), à publicação no Fórum dos Numismatas do estudo “Inventário colecionista e museólogo dos Justos de D. João II”. A sua boa aceitação está na origem desta publicação em suporte de papel, que o Fórum dos Numismatas apresenta, inteiramente patrocinada pelo forista Rui Monteiro (GTO2000).

Inventário coleccionista e museólogo dos Justos de D. João II de Portugal

A numeração apresenta-se dividida em três tipos principais e um acessório, respectivamente:

tipo IVS 1 – Numeral do monarca como 2º;

tipo IVS 2 – Híbrido: anverso com legenda tipo 1, numeral tipo 3;

tipo IVS 3 – Numeral do monarca como II; e finalmente,

tipo IVS 4 - O Justo dito do Porto.

Com excepção do híbrido agora identificado, esta numeração segue a tradicional divisão introduzida por Teixeira de Aragão.

Para se evitar repetições desnecessárias, apresenta-se uma descrição genérica de cada um dos três tipos principais, relegando-se para a catalogação e inventariação dos exemplares registados a indicação das variantes secundárias.

Especial cuidado foi posto na indicação dos cunhos do anverso e do reverso que serviram em várias amoedações, bem como, dos exemplares que saíram do mesmo par de cunhos

Agradeço o inestimável apoio recebido dos vários foristas Numismatas que participaram activamente na discussão deste tópico e contribuíram com os seus pareceres e com os seus muitos conhecimentos para este estudo.

Tipo IVS 1 – Numeral do monarca como 2º (Secvndvs)

Descrição genérica deste tipo IVS 1

Anv. + IO[¯]ANIS : 2º : R : PORTVG[¯]ALIE : [¯]ALG[¯]AR : DISQ? GVINE, na orla circular, entre cercaduras granulada e linear (letras [¯]Λ e И; corpo das letras direito sem serifas, de recorte biselado) .

Ao centro, o escudo coroadado das armas reais (com os 2 florões laterais e o central da coroa, em campo liso, interrompendo a cercadura interior, diadema tracejado, castelos de 3 torres, com recorte central e porta),



ladeado por ornatos lisos curvilíneos com remoinhos simétricos que se prolongam do bico do escudo até aos dois florões laterais da coroa.

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT ;, inscrito em cartela circular, limitada por cercadura granulada exterior. Legenda com as letras direitas sem serifa, de recorte biselado (com $\bar{\Lambda}$ ou Λ).

Ao centro, a figura de D. João II, de corpo inteiro, coroado e couraçado (revestido de armadura inteira, composta por peitoral, braços e avambraços, manoplas, coxotes, joelheiras e grevas, tendo o peitoral revestido de tecido de veludo terminado em recortes em bico), com manto preso ao pescoço, que se prolonga até aos pés e enrola junto à cercadura), armado de uma espada ao alto na mão direita (espada de guarda rectiforme recta, de pomo circular com protuberâncias), cuja ponta se prolonga pelo remate do espaldar, sentado numa cadeira gótica, com espaldar alto entalhado, rematado por 5 flores de lis, com ou sem guardas laterais e com os apoios de braços projectados em perspectiva, rematados por pomos.

A cartela dobra-se para baixo junto ao espaldar da cadeira, prolongando-se pelo campo interior, com as extremidades enroladas junto aos apoios dos braços da cadeira.

Características comuns dos cunhos do anverso deste tipo IVS 1:

legenda – Letras direitas sem serifa, de recorte biselado, com algumas letras de estilo gótico tardio (letras AA sem travessão central, como $\bar{\Lambda}$; letras PP de Portvgalie como DD interrompidos em baixo; letras DD, de DNS, interrompidas em cima; letras NN invertidas como III, ou sem traço de união, como II). Numeral do monarca como 2º. Legenda

“Dominus” com letras adicionais não identificadas, interpretadas por vários autores como DNSQB, ou DMSD (*invertido*), ou DNISCB, DNISOB, ou DNISO₃.

cercaduras – exterior granulada, interior lisa circundando o escudo

escudo – castelos com três torres, traço transversal central e porta; quinas em aspa em campo liso. Ornatos lineares curvilíneos no campo lateral, com remoinhos perfeitamente simétricos à direita e à esquerda. Diferentes sentidos de rotação em cunhos diferentes (IVS 1.05 – para fora, para dentro, para fora; e IVS 1.06 – para dentro, para fora, para dentro).

coroa – com o diadema largo envolvendo o chefe do escudo, com amplo espaço intercalar tracejado, da direita para a esquerda ou vice-versa. Cinco florões em campo liso, sendo os dois laterais e o central do tipo cruz “patonce pattée”, e os dois florões interiores do tipo “cruz de besantes”, intercalados por quatro pedúnculos simples com ponto.

Características comuns dos cunhos do reverso deste tipo IVS 1:

cercaduras – exterior granulada. Não existe cercadura lisa interior.

cartela - a delimitação do campo central é feita pela cartela onde está inscrita a legenda, cujas dobras superiores tocam as guardas laterais do espaldar da cadeira

cadeira – espaldar alto entalhado, rematado por cinco flores de lis, com os apoios dos braços rematados por pomos.

Principais variantes do averso: legenda com IO⁻ANS, IO⁻ANES, IOH⁻ANES ou IOI+I⁻ANES; legenda sem cruz inicial; legenda ⁻ALGR ou ⁻ALG⁻AR; terminação em GVIE (não confirmado), GVIEE, GVII, GVIEE, GVIEE ou GVIIIEE

Principais variantes do reverso: legenda com cruz inicial e sem os três pontos finais; legenda VT ou SICVT; PALMA ou P⁻ALM⁻A. Cadeira com espaldar entalhado, reticulado ou hexagonal; sem ou com guardas laterais rematadas por pomos, com pilastras que se prolongam até ao apoio dos braços; pilastras entalhadas em pináculos (em dois exemplares)

Peso médio inventariado – 6,02 g (de cinco exemplares)



MNP 13095

IVS 1.01 – Museu Numismático Português, inv.º 13095, Aragão 4 (121 grãos = 6,026 g), **Casa dos Bicos 214, Lisboa: 31 mm; 6,02 g**

Anv. + IO⁻LIIS : 2º : R PORTVG⁻ALIE ⁻ALG⁻AR : DNSQ: GVIEE.
Sem pontos depois do Rex

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT (sem pontos), na cartela, cujas extremidades dobram-se por baixo dos apoios dos braços da cadeira. Espaldar entalhado reticulado. Guardas laterais com pomos, prolongando-se até aos apoios dos braços, junto aos pomos. Ponta da espada junto da segunda flor de lis. Remate da cadeira com cinco flores de lis de recorte pontuado.

IVS 1.02 – Col. Cyro Augusto de Carvalho, leilão Schulman de Setembro 1905, It. 109: sem fotografia nem indicações metrológicas. Estado BC, paradeiro desconhecido

Anv. + IO⁻ANS 2º : R : PORTVGALIE : ALGAR : DNS : C : GVIE
(?)

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT

IVS 1.03 – Lusitania Seguros, ex-leilão Numisart da col. António Marrocos, Geneva, Junho 1995, It 83, B Reis 4: 28 mm; 6,12 g (um pouco cerceado)

Anv. + IO⁻LIIES : 2º : R : PORTVG⁻ALIE : ⁻ALG⁻AR : DNSQ: GVIEE. **Nota:** este cunho do anverso serviu também para amoedar o exemplar IVS 1.07 (BES)



Lusitania

Rev. (sem cruz) IVSTVS : VT : P̄ALM̄Λ : FLOREBIT (sem pontos), na cartela, cujas extremidades dobram-se por cima dos pomos dos apoios dos braços da cadeira, que não possui guardas laterais, nem pilstras nos remates da flores de lis. Espaldar entalhado reticulado, rematado por cinco florões. Espada inclinada às 11 horas na direcção do primeiro florão.



Grierson

IVS 1.04 – Fitzwilliam Museum, Cambridge, inv.^o CM.12-1956, col. medieval do professor Philip Grierson, ex-leilão Glendining da col. Robert Shore, Julho 1945, lt. 24, ex-leilão Glendining da col. Richard C. Lockett, Parte III, Fevereiro 1956, lt. 268: 31 mm; 6,05 g; eixo 180°

Anv. + IOH̄ANES : 2° : R : PORTVḠALIE : ALGR : DNSQ : GVIIIEE. Notável exemplar que permite analisar em todos os pormenores as gravuras deste tipo 1. **Nota:** este cunho do averso serviu também para amodar o exemplar IVS 1.05 (MNP 4881)

Rev. (sem cruz) IVSTVS : VT : P⁻ALM⁻Λ : FLOREBIT (sem pontos), na cartela, cujas extremidades dobram-se por cima dos pomos dos apoios dos braços da cadeira, que não possui guardas laterais, nem pilastras nos remates da flores de lis. Espaldar entalhado reticulado, rematado por cinco florões. Espada inclinada às 11 horas na direcção do primeiro florão. **Nota:** este cunho do reverso serviu também para amoedar o exemplar IVS 1.03 (Lusitania).



MNP 4881

IVS 1.05 – Museu Numismático Português, inv.º 4881; Torre de Belém 231, Lisboa: 30 mm; 5,96 g

Anv. + IOH⁻ANES : 2° : R : PORTVG⁻ALIE : ⁻ALGR : DNSQ : GVIIEE. **Nota:** este cunho do anverso serviu também para amoedar o exemplar IVS 1.04 (Grierson)

Rev. + IVSTVS · VT : PALMA : FLOREBIT :· (três pontos em triângulo), na cartela, cujas extremidades se enrolam em formato de novelo, por baixo dos apoios dos braços da cadeira. Guardas laterais com pomos superiores, prolongando-se até ao apoio dos braços, cujos pomos se destacam na lateral. Espaldar entalhado reticulado. Espada inclinada às 11 horas (entre a primeira e a segunda flor de lis). Remate da cadeira com cinco flores de lis de recorte pontuado.

IVS 1.06 – Casa do Infante, achado nas escavações (?): sem indicações metrológicas, paradeiro actual desconhecido, ilustração em Carvalho Pastor (2013)



Casa do Infante

Anv. (sem cruz) IOI+ΓΛIES : 2º : R : PORTVGALIE : ΓALΓAR : DIS (..) GVII.

Rev. (sem cruz) IVSTVS : VT : PΓALMΓΛ : FLOREBIT (sem pontos), na cartela, cujas extremidades dobram-se em panos bem visíveis por baixo dos apoios dos braços da cadeira, que não possui guardas laterais, nem pilastras nos remates da flores de lis. Espaldar entalhado reticulado. Espada inclinada às 11 horas. Remate da cadeira com cinco flores de lis de recorte pontuado.



BES 1

IVS 1.07 – BESNumismática #1, col. Carlos Marques da Costa, ex-leilão Schulman da col. Carvalho Monteiro, Outubro 1925, ex-leilão Sotheby's Geneva, Novembro 1986, It. 23, ex-leilão Sotheby's Londres, Maio 1996, It 37, ex-leilão Numisma Lisboa, Maio 1999, It 10 (com erros na leitura da legenda): 30 mm; 5,96 g.

Anv. + IOΓΛIIS : 2º : R : PORTVGΓALIE : ΓALΓAR : DISQ: GVINE

. Outro exemplar de excepcional qualidade, com os florões da coroa bem desenhados e o sentido da rotação dos ornatos laterais. **Nota:** este cunho do anverso serviu também para amoedar o exemplar IVS 1.05 (Lusitania)

Rev. (sem cruz) IVSTVS : **SICVT** : P⁻ΛLM⁻Λ : FL(B)OREBIT (sem pontos; L recunhado sobre B), na cartela, cujas extremidades dobram-se como filetes que terminam em ganchos, ladeando os apoios dos braços da cadeira (gancho virado para dentro, à esq., e virado para fora, à dir.). Cadeira com o espaldar entalhado em hexágonos, rematado por quatro flores de lis; guardas laterais com pilastras entalhadas em pináculos. Espada na vertical ao alto, com a ponta entre a primeira e a segunda flor. **Nota:** este cunho do reverso serviu também para amoedar o próximo exemplar IVS 2.01 (Leyden)

O estudo destes dois últimos exemplares permitiu-me descobrir um novo tipo híbrido, de transição nas gravuras destas amoedações, que recebeu a numeração IVS 2.

Tipo IVS 2 – Anverso híbrido: legenda tipo IVS 1, numeral tipo IVS 3

Principais características deste híbrido: a legenda do anverso mantém toda a tipologia anterior, com “⁻ΛLG : DIIS?” e o mesmo desenho das letras tipo gótico, mas apresenta já a inovação do separador “ET :”, que caracteriza o tipo 3 seguinte. O reverso é igual a IVS 1.07 (BES), com a legenda “SICVT”, a cartela enrolada em ganchos e o espaldar entalhado com motivos geométricos hexagonais.

IVS 2.01 – Banco Central da Holanda, ex-col. Universidade de Leyden, Jerónimos 392, Lisboa (Gomes 22.03 a): 31 mm; 6,02 g

Anv. + IOI□I⁻ANS : I I : R : PORTVG⁻ALIE : **ET** : ⁻ΛLG : DIIS : D (*inv.*)? : GVII, na orla circular, entre duas cercaduras granuladas. Ao centro, o escudo das armas reais coroadas, ladeado por ornatos lineares curvilíneos assimétricos, que enchem todo o campo e prolongam-se por



Leyden

debaixo dos florões da coroa.

Rev. (sem cruz) IVSTVS : SICVT : P[^]ALM[^]Λ : FL(B)OREBIT (sem pontos; L recunhado sobre B), na cartela, cujas extremidades dobram-se como filetes que terminam em ganchos, ladeando os apoios dos braços da cadeira (gancho virado para dentro, à esq., e virado para fora, à dir.). Cadeira com o espaldar entalhado em hexágonos, rematado por quatro flores de lis; guardas laterais com pilastras entalhadas em pináculos. Espada na vertical ao alto, com a ponta entre a primeira e a segunda flor. **Nota:** este cunho do reverso serviu também para amoedar o anterior exemplar IVS 1.07 (BES)

Tipo IVS 3 – Numeral do monarca como II (romano)



Descrição genérica deste tipo IVS 3

Anv. + IOHANNES : I · I : R : PORTVGALIE : ET : Λ : D : GVINE, na orla circular, entre cercaduras granulada e lisa (letras Λ e N; corpo direito

sem serifas, de recorte biselado).

Ao centro, o escudo coroadado das armas reais (com os 2 florões laterais e o central da coroa interrompendo a cercadura interior, castelos de 3 torres, com recorte central e porta), ladeado por ornatos lisos curvilíneos assimétricos que se prolongam do bico do escudo até aos dois florões laterais da coroa, ou pelo campo por baixo da coroa.

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT :· (três pontos em triângulo), inscrito em cartela circular, limitada por cercadura granulada exterior. Letras direitas sem serifa, de recorte biselado (com Λ).

Ao centro, a figura de D. João II, de corpo inteiro, coroadado, couraçado e armado (tal como no tipo IVS 1), sentado numa cadeira gótica, com espaldar alto entalhado, rematado por 5 flores de lis, com guardas laterais rematadas por pomos, e apoios de braços projectados em perspectiva, rematados por pomos. A cartela dobra-se para baixo junto ao espaldar da cadeira, prolongando-se pelo campo interior, com as extremidades enroscadas por baixo dos apoios dos braços da cadeira.

Características comuns dos cunhos do anverso deste tipo IVS 3:

legenda – Letras direitas sem serifa, de recorte biselado e tipo moderno (letras AA sem travessão central, como Λ; letras NN direitas (com uma excepção). Nome do monarca como IOHANES e o seu numeral como II. Legenda “ET : A : D :” em vez da anterior “ALGAR : DNS”

cercaduras – exterior granulada ou lisa; interior lisa ou granulada circundando o escudo

escudo – castelos com três torres, traço transversal central e porta; quinças em aspa em campo liso. Ornatos lineares curvilíneos no campo lateral, com desenhos muito assimétricos, à direita e à esquerda

coroa – diadema linear ligado às pontas exteriores do chefe do escudo, com pequeno espaço intercalar reticulado. Cinco florões com o mesmo desenho, sendo os dois laterais mais pequenos, sem pedúnculos intercalares

Características comuns dos cunhos do reverso deste tipo IVS 3:

legenda – sempre com cruz inicial e com “VT”; terminação com três pontos em triângulo

cercaduras – exterior granulada. Não existe cercadura lisa interior. Num ou noutro caso é visível, por detrás do espaldar, o riscado da circunferência original feita pelo gravador, delimitando o campo a gravar

cartela – enrola-se sempre por debaixo dos apoios dos braços da cadeira

cadeira – com espaldar alto entalhado reticulado, apresenta sempre o desenho das guardas laterais, encimadas por pomos, que se prolongam até aos apoios dos braços, também encimados por pomos. Espaldar rematado por cinco flores de lis, de seu desenho

Principais variantes do anverso: legenda com IOHANNES II ou I·I; uma exceção com IOHANNES I·I (NN invertidos); letras LL de “Portvgalie” invertidas; terminação em GVII, GVIEE, GVII ou GVIN, GVINE ou GVIIIE, GVINEE. Fundo do campo dos florões ornamentado; florões intercalados por pontos.

Principais variantes do reverso: na figura de D. João II, o pé direito sobre a cercadura da cartela; a ponta da espada antes ou depois da primeira flor de lis

Peso médio inventariado – 5,96 g (oito exemplares)



MNP 4880

IVS 3.01 – Museu Numismático Português, inv.º 4880, Aragão 3 (120 grãos = 5,976 g), Torre de Belém 368, Lisboa: 30 mm; 6,01 g (?)

Anv. + IOHANNES : I · I : R : PORTVGALIE : ET : A : D : GVII, na orla

circular, entre cercaduras lisas (letras Λ e И). Florões da coroa interrompendo a cercadura, todos do mesmo desenho, intercalados por pontos (sem pináculos), em campo liso.

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT :• (três pontos em triângulo), na cartela circular. Cadeira com guardas laterais encimadas por pomos, prolongando-se até aos pomos dos apoios dos braços. Espada com a ponta entre a primeira e a segunda flor de lis.



BdP 2

IVS 3.02 – Banco de Portugal # 2, ex-leilão Numisart Geneva, Junho 1995, It. 84, B. Reis 1: 32mm; 5,87 g. Em mau estado, com 3 furos remendados

Anv. + IOHANNES : I · I : R : PORTVGALIE : ET : Λ : D : GVII, na orla circular, entre cercaduras lisas (letras Λ e И). Florões da coroa interrompendo a cercadura, todos do mesmo desenho, intercalados por pontos (sem pináculos), em campo liso.

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT (:?), na cartela circular. Cadeira com guardas laterais encimadas por pomos, prolongando-se até aos pomos dos apoios dos braços. Espada com a ponta entre a primeira e a segunda flor de lis.

Nota: os dois exemplares acima 3.01 e 3.02 saíram do mesmo par de cunhos

IVS 3.03 – Banco de Portugal #1, col. engenheiro Raul da Costa Couvreur, Lisboa: 30,8 mm; 5,99 g

Anv. + IOHANNES : I · I · R · PORTVGALIE : ET : Λ : D : GVINE, na



BdP 1

orla circular, entre cercaduras granulada e lisa (letras Λ e N) (descentrado às 3 horas)

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT: (três pontos em triângulo), na cartela, cujas extremidades dobram-se junto e por baixo dos apoios dos braços da cadeira. Guardas laterais com pilastras encimadas por pomos, que se prolongam directamente nos pomos inferiores, dos apoios dos braços. Espada com a ponta sobre a base da primeira flor de lis.



UBP-BCP

IVS 3.04 – Millenium BCP, Porto, ex- col. União de Bancos Portugueses: 31 mm; 5,90 g

Anv. + IOHANNES : I · I · R · PORTVGALIE : ET : Λ : D : GVINE, na orla circular, entre cercaduras granulada e lisa (letras Λ e N)

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT: (três pontos em triângulo), na cartela, cujas extremidades dobram-se junto e por baixo dos

apoios dos braços da cadeira. Guardas laterais com pilastras encimadas por pomos, que se prolongam directamente nos pomos inferiores, dos apoios dos braços. Espada com a ponta sobre a base da primeira flor de lis.



MHN Rio

IVS 3.05 – Museu Histórico Nacional, col. António Pedro de Andrade, Rio de Janeiro: 31,6 mm; 6,07 g

Anv. + IOHANNES : I · I · R · PORTVGALIE : ET : Λ : D : GVINE, na orla circular, entre cercaduras granulada e lisa (letras Λ e N)

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT:· (três pontos em triângulo), na cartela, cujas extremidades dobram-se junto e por baixo dos apoios dos braços da cadeira. Guardas laterais com pilastras encimadas por pomos, que se prolongam directamente nos pomos inferiores, dos apoios dos braços. Espada com a ponta sobre a base da primeira flor de lis.

Nota: os três exemplares acima 3.03, 3.04 e 3.05 saíram do mesmo par de cunhos

IVS 3.06 – BESNumismática #2, col. Carlos Marques da Costa, Lisboa: 30 mm; 5,92 g.

Anv. + IOHANNES : I · I · R : PORTVGALIE : ET : Λ : D : GVINEE, na orla circular, entre cercaduras granulada e lisa (letras Λ e N). Descentrado às 5 horas.

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT :· (três pontos em triân-



BES 2

gulo), na cartela, cujas extremidades dobram-se junto e por baixo dos apoios dos braços da cadeira. Guardas laterais com pilastras encimadas por pomos, que se prolongam por detrás dos pomos dos apoios dos braços. A figura do rei atarracada, com uma larga cintura, e o pé direito (do rei) sobre a cercadura da cartela. Espada com a ponta sobre a base da primeira flor de lis (exemplar único com este pé a sair da moldura central...)



Numisma 86

IVS 3.07 – Numisma leilão 86, col. Elmano Costa, Dezembro 2010, ex-leilão Leu Numismatics 55, Zurique, 1992, It 11: 31 mm; 6,04 g

Anv. + IOHANNES : I I : R : PORTVGAL (*invertido*) IE : ET : A : D : GVIIIIE, na orla circular, entre cercaduras granulada e lisa (letras A, N e II). Ornatos curvilíneos do campo do escudo, com desenho prolongando-se pelo campo dos florões da coroa

Rev. + I(O)VSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT (sem pontos; V recu-

nhado sobre O), na cartela, cujas extremidades dobram-se junto e por baixo dos apoios dos braços da cadeira. Guardas laterais com pilastras encimadas por pomos, que se prolongam por detrás dos pomos dos apoios dos braços. Espada com a ponta antes da primeira flor de lis.



Numisma 100

IVS 3.08 – Numisma leilão 100, Outubro 2014, ex-leilão Schulman da col. Jules Meili, Maio 1910, It 182: 30 mm; 5,88 g

Anv. + IOHANES : I I : R : PORTVGAL (*invertido*) IE : ET : Λ : D : GVIIIIE, na orla circular, entre cercaduras granulada e lisa (letras Λ, N e II). Ornatos curvilíneos do campo do escudo prolongando-se pelo campo dos florões da coroa, mas com desenhos diferentes do exemplar anterior. Também o espaço entre o escudo e o diadema são diferentes nos dois exemplares.

Rev. + I(O)VSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT (sem pontos; V recunhado sobre O), na cartela, cujas extremidades dobram-se junto e por baixo dos apoios dos braços da cadeira. Guardas laterais com pilastras encimadas por pomos, que se prolongam por detrás dos pomos dos apoios dos braços. Espada com a ponta antes da primeira flor de lis.

Nota: os dois exemplares 3.07 e 3.08 saíram do mesmo cunho do reverso, e de cunhos muito semelhantes, mas não iguais, do anverso

TIPO IVS 4 – Justo dito do Porto

IVS 4.01 – Numisma leilão 100, Outubro 2014, ex-leilão Schulman da col. Jules Meili, Maio 1910, It 183, ex-leilão Schulman da col. Carva-



Numisma 100 - Porto?

Iho Monteiro, Junho 1926, It 25, ex-leilão Glendining da col. Robert Shore, Julho 1945; F Vaz J2.186 com desenho e foto do mesmo exemplar: 30 mm; 5,90 g

Anv. + IO^{ANES} : III : R : PORTVG^{ALIE} : ET : ^{AN} : DNS : GVINE, na orla circular, entre cercaduras lisas (letras ^{AN} e N). Letras II e NN de formato ampulheta; letras grossas e cheias, sem recorte biselado. Castelos do escudo como torres de quatro ameias; chefe do escudo interrompido; campo ornanentado que se prolonga pelo campo dos florões. Coroa do escudo com cinco grandes florões intercalados por pontos.

Rev. + IVSTVS : VT : PALMA : FLOREBIT, numa orla circular. Ao centro, dentro de uma cercadura circular lisa que passa sob a coroa, a figura do rei de pé, coroadado, couraçado e com manto preso ao pescoço, que se prolonga até aos pés, armado de uma espada ao alto na mão direita, cuja ponta intercepta a cercadura exterior. Lateralmente, elementos gráficos que pretendem representar as extremidades enroladas da cartela (que não existe), dos apoios dos braços e das guardas de uma cadeira (que não existe), encimado por pedúnculos intercalados por pontos do formato de uma coroa. Junto à orla inferior direita, a letra P de formato curvilíneo serifado.

Análise deste último exemplar

Os modernos estudos numismáticos permitiram desenvolver um método científico e estatístico de análise das características das gravuras de

moedas, que ficou condensado no seguinte axioma, sobre a identificação de falsos numismas em amostras de moedas originais de um mesmo tipo numismático:

AXIOMA NUMISMÁTICO – «Numa distribuição aleatória de uma amostra significativa de moedas de um mesmo tipo numismático, é nula a probabilidade da ocorrência de um exemplar genuíno que não obedeça às características médias da população da amostra» (*António Trigueiros, Julho 2014*).

Ou seja, considerando que as moedas de uma mesma época e tipo numismático, produzidas industrialmente em apreciáveis quantidades pelos mesmos processos de gravura e de amoedação, depois de emitidas transformam-se em objectos que obedecem às leis da distribuição estatística aleatória ao longo dos tempos, a sua recolha e coleccionismo dará sempre origem a uma amostra que reproduz as características médias da amoedação e emissão iniciais. Se essa amostra for significativa (em quantidade), é possível analisar as características médias da sua população, para concluir que, todo e qualquer exemplar que não corresponda às características médias da amostra é provavelmente falso (não é genuíno dessa época e tipo numismático), ou não é moeda (será um conto para contar, um ensaio, ou uma fantasia).

Definições complementares:

1 – Tipo numismático: refere-se ao conjunto das gravuras numismáticas que caracterizam uma denominação monetária (p. ex., “Justo”, “Espadim de ouro”, “San Vicente”, “Vintém”, “Cruzado Novo”, etc). Dentro de cada tipo numismático, o nome do monarca, o tipo do desenho das letras das legendas ou as marcas monetárias do local de fabrico, não originam tipos novos, mas apenas variantes da tipologia principal. Um exemplo flagrante pode ser visto nos tostões de prata e nos portugueses de ouro de D. Manuel I e de D. João III, de que existem dois tipos distintos, o primeiro “manuelino”, saído das amoedações até 1526, e o segundo “renascentista”, posterior a essa data e até 1538.

2 – Características médias da amostra: refere-se aos principais elementos decorativos e heráldicos da gravura, aqueles que marcam e definem o tipo numismático, bem como das legendas, sem cuidar se o lavor do gravador de cunhos foi cuidado ou descuidado, se a gravura é bela ou tosca (p.ex., os San Vicentes do Porto de D. João III têm uma gravura tosca do santo, sem contudo deixar de obedecer às características da tipologia dos San Vicentes desenhados por António d’Holanda).

3 – Amostra significativa: refere-se ao número de exemplares estudados, quanto maior for melhor representará a população original. Um ou dois exemplares únicos conhecidos de um tipo numismático também único, não representa uma amostra (p. ex., o meio-escudo de ouro de Ceuta; o índio de D. Manuel I, etc).

Daqui se retira a importância de se inventariar, catalogar e estudar o maior número possível de exemplares de uma mesma tipologia, construindo-se uma base de dados que irá, depois, possibilitar a identificação das características médias desse tipo numismático e, só então, a sua comparação com as características dos exemplares de autenticidade duvidosa.

Foi esta a metodologia científica que seguimos na análise do Justo do Porto: inventariamos e estudamos os 14 exemplares acima descritos, um número assaz reduzido comparado com outros (nos Portugueses de ouro inventariamos 90 exemplares e descobrimos quatro falsos), mas mesmo assim um número significativo e que consideramos como representativo deste tipo numismático.

O confronto com o Justo dito do Porto

Agora já é possível chegar a várias conclusões:

1 – O justo do Porto não obedece às características médias da gravura do anverso do seu tipo e sub-tipos IVS 1, 2 e 3, quer no desenvolvimento da legenda, quer no tipo das letras gravadas, quer no desenho do escudo real e dos florões da coroa;

2 – O justo do Porto não obedece às características médias da gravura



Lusitania vs. Porto



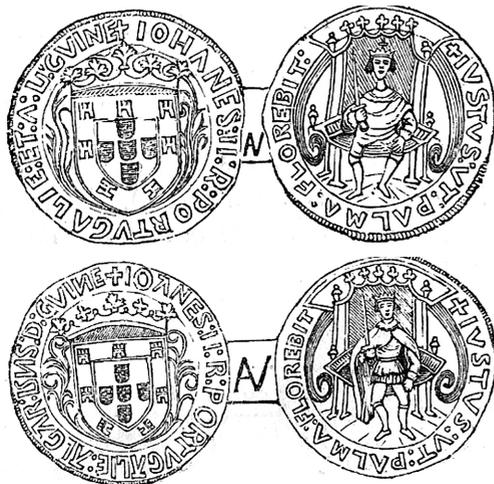
Numisma 100 Lisboa vs. Numisma 100 Porto

do reverso do seu tipo e sub-tipos IVS 1, 2 e 3, quer na ausência da cartela da legenda, que se dobra e enrola no campo inferior, quer na ausência da cadeira de espaldar alto gótico encimado por flores de lis, com guardas laterais encimadas por pomos, quer pela figuração do rei, armado e couraçado, mas de pé, em vez de sentado na cadeira.

O estudo comparativo com os 14 exemplares acima inventariados permite ainda concluir que:

3 - O justo do Porto não foi copiado de um desenho à pena (o primeiro só foi publicado por Lopes Fernandes em 1856, não existindo na História Genealógica de 1736, nem nas Notícias de Portugal de 1763, de Severim de Faria), porque se o tivesse sido, o falsário teria sabido representar a cadeira, os apoios dos braços, os pomos, a cartela, etc.;

4 - O justo do Porto apresenta uma legenda titular igual à que aparece



Desenhos de Justos publicados em 1856 (em cima) e em 1874 (em baixo)



Cadeira gótica dita de D. Afonso V
Museu Nacional de Arte Antiga

descrita nessas anteriores obras, que transcrevo: «*Ioannes Secundus R. Portugal. Algar. Dominus Guinè*; que hé: *Ioão II. Rey de Portugal, & Algarve, Senhor da Guiné*». Daqui saiu IOANES II R PORTVGALIE ET A DNS GVINE, copiando o estilo da letra gótica tardia do sub-tipo IVS 1, mas dando-lhe o formato moderno do feitio de ampulheta, e sem saber que, com o numeral do monarca como II, do sub-tipo 3, o seu nome teria que ter um H como IOHANES;

5 – o justo do Porto foi copiado de exemplares genuínos, apresentando elementos misturados de alguns dos exemplares acima inventariados dos sub-tipos IVS 1 e 3.

Eventualmente, o seu deficiente estado de conservação impediram o falsário de compreender toda a dinâmica da gravura do reverso, com o rei sentado numa cadeira gótica de espaldar alto entalhado, e circundado por uma cartela que dobra para baixo e enrola junto à cadeira, elementos esses que interpretou à sua maneira, numa composição sem sentido nem nexos;

6 – a época desta falsificação poderá, assim, situar-se entre 1750 e 1850, talvez mais perto da última data.

Conclusão final

Apesar do seu impressionante “pedigree” colecionista, **o justo do Porto tem uma muito elevada probabilidade de ser uma falsificação moderna**, eventualmente feita a pedido do próprio colecionador, para colmatar uma falta de moedas do Porto na sua colecção. Depois de nela ter entrado, nenhum outro numismata ou colecionador se preocupou, durante mais de um século, em fazer um exame técnico a esse exemplar, que foi transitando de colecção em colecção, de leilão em leilão, de catálogo em catálogo, sem nunca ter sido dada a oportunidade de ser examinado com o cuidado que merecia. Até agora.

Lisboa, 11 de Outubro de 2014

António Trigueiros (para o Fórum dos Numismatas)

Bibliografia

AMARAL, C. M. Almeida do. **Catálogo Descritivo das Moedas Portuguesas do Museu Numismático Português**. Lisboa: INCM, tomo I, 1977

ARAGÃO, A. C. Teixeira de. **Descrição Geral e Histórica das Moedas Cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal**. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. I, 1874

CARVALHO PASTOR, Mário Bruno. **A Casa da Moeda do Porto na Alfândega Velha. Bases para uma proposta de interpretação patrimonial de um recurso turístico a desenvolver**. Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais, tese de Mestrado, 2013

Colecção Banco Espírito Santo - Colecção Carlos Marques da Costa. Lisboa: BES, 2008

Colecção Numismática Pinto de Magalhães. Porto: tomo II, 1967

FERNANDES, Manuel Bernardo Lopes. **Memória das Moedas Correntes em Portugal**. Lisboa: Academia Real das Ciências, tomo I, 1856

LEU NUMISMATISTS. **The gold coinage of Portugal**. Catálogo do leilão, Zurique: 19 de Outubro de 1992 (ex-colecção Abecassis). Lote 11.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **Moedas Portuguesas da Época dos Descobrimentos, 1383-1583. Colecção do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2000

NUMISART. **Monnaies du Portugal et de ses colonies**, catálogo do leilão em associação com Roland Michel, Genève: 5 de Junho de 1995 (colecção António Marrocos). Lotes 83 e 84.

NUMISMA Leilões. **Catálogos vários**, Lisboa: 1976 a 2013: - Maio 1999, lote 10 (com erros na leitura da legenda); - Dezembro 2010 nr. 86, col. Elmano Costa (ex-leilão Leu Numismatics 55, Zurique, 1992, lote 11); - Outubro 2004 nr. 100 (ex-leilão Schulman da col. Jules Meili, Maio 1910, lote 182); - Idem, ibid (ex-leilão Schulman da col. Jules Meili, Maio 1910, lote 183; ex-leilão Schulman da col. Carvalho Monteiro, Junho 1926, It 25, ex-leilão Glendining da col. Robert Shore, Julho 1945)

REIS, Pedro Batalha. **Preçário das Moedas Portuguesas**. Porto: Livraria Fernando Machado, 2.^a edição, 1964

RESENDE, Garcia de. **Vida e Feitos D' El-Rey Dom João Segundo**. Edição

crítica do texto de 1545 por Evelina Verdelho. Coimbra: Centro de Estudos de Língua Geral e Aplicada (CELGA), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2007. Capítulo LVII, pp. 89-90, linhas 2870-2885.

ROEST, Th.-M. «Monnaies Portugaises qui font partie du Cabinet Numismatique de l'Université de Leyde». Bruxelas: **Revue Belge de Numismatique**, Société Royale de Numismatique, 1885, pp. 81-145, Pl. II e III.

ROMÃO, José António Arez. **Colecção Lusitania**. Lisboa: Lusitania, Companhia de Seguros, 2000. ex-leilão Numisart da col. António Marrocos, Geneva, Junho 1995, lote 83

SBV/USB (Swiss Bank Corporation). **Catálogos dos leilões**. Basileia: 29 (Janeiro de 1992) ; 37 (Janeiro de 1995); 51 (Janeiro 2001) e 76 (Janeiro 2008)

SCHULMAN, Jacques. **Catálogos dos leilões**, Amesterdão: - Col. Cyro Augusto de Carvalho, Setembro 1905, lote 109 ; - Collection Joaquim José Judice dos Santos, 1906; - Collection Álvaro de Araújo Ramos, 1909: Collection de Feu de Dr. Jules Meili à Zurich, parte I, 1910, lotes 182 e 183; - Collection Joaquim de Freitas da Silva, de Ponta Delgada, Abril 1911, lote 151 ; Collection Carvalho Monteiro, Junho 1926, lote 25.

SOTHEBY'S. **Monnaies du Portugal et de ses colonies**, catálogo do leilão em associação com Roland Michel, Genève: 10 de Novembro de 1986. Lote 23

SOTHEBY'S. **Portuguese, Brazilian and Portuguese Colonial Gold Coins**. Catálogo do leilão, Londres: 30 e 31 de Maio de 1996. Lote 37

SOUSA, António Caetano de. **História Genealógica da Casa Real Portuguesa**, vol. IV. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 2007, reedição da edição revista de 1947, da edição original de 1738.

TRIGUEIROS, A. M. e GOMES, Alberto. **Moedas Portuguesas na época dos Descobrimentos 1385 – 1580**. Lisboa: ed. Alberto Gomes, 1992

TRIGUEIROS, António M. **Numismática e Medalhística**, separata dos catálogos da 17.^a Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Lisboa: ed. de autor, 1984.

- Casa dos Bicos 214 (Museu Numismático Português, inv.º 13095, Aragão 4);

- Jerónimos 392 (Banco Central da Holanda, ex-col. Universidade de Leyden);

- Torre de Belém 368 (Museu Numismático Português, inv.º 4880, Aragão 3);

- Torre de Belém 231 (Museu Numismático Português, inv.º 4881):

VAZ, Joaquim Ferraro. **Livro das Moedas de Portugal**. Braga: vol. I, 1969. Onde vem reproduzido o Justo do Porto da col. Carvalho Monteiro (J2.186)

CADERNOS NUMISMÁTICOS

+++++

INVENTÁRIO COLECCIONISTA E MUSEÓLOGO DOS JUSTOS DO REI D. JOÃO II DE PORTUGAL

+++++

DE ANTÓNIO TRIGUEIROS

Os "Cadernos Numismáticos" são fruto do estudo pessoal dos nossos foristas, a quem realmente pertence o mérito. Os Numismatas limitam-se a produzir de forma artesanal, esses trabalhos em pequenos e práticos cadernos de grande interesse numismático.



www.numismatas.com